



Memória do corpo e ciberespaço em diálogo

Corporal memory and cyberspace in dialogue

Vera Dodebei*

Andréa Doyle**

RESUMO

Discute-se a relação entre a memória do corpo e o ciberespaço, a partir da análise de artigos da revista *MEI*, volume 32, publicada na França em 2011. Quatorze pesquisadores oriundos de campos diversos do conhecimento integram o dossiê. A proposta é verificar quais objetos e sob quais aportes teórico-práticos as comunidades científicas vem investigando essas relações. Conclui-se que os relatos sugerem três temporalidades na convivência da memória com as tecnologias da informação e comunicação: a era da descoberta do ciberespaço; a era do domínio das técnicas digitais; e, a era da diminuição do consumo de artefatos.

Palavras-chave: Memória do Corpo; Ciberespaço; Rastros Digitais; Reciclagem Digital.

ABSTRACT

The article discusses the relationship between corporal memory and cyberspace, building on the analysis of articles published in the journal *MEI*, volume 32, in France, 2011. Fourteen researchers from various fields of knowledge collaborated on the dossier. The aim is to verify what objects and with what theoretical and practical contributions the scientific community has been investigating these relationships. The conclusion is that the reports suggest three temporalities in the relation between memory and the information and communication technologies: the age of cyberspace discovery, the age of mastering digital techniques; and the age of decline in consumption of artifacts.

Keywords: Corporal Memory; Cyberspace; Digital Traces; Digital Recycling.

SOBRE O CONTEXTO

Quando Stephen Hawking¹ perde a capacidade motora da fala e da escrita – os principais meios de comunicação com a sociedade –, um rudimentar/atualíssimo

* Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora associada IV da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Bolsista CNPq. Endereço: Unirio, av. Pasteur, 458, Botafogo, CEP 22290-24, Rio de Janeiro, RJ. Telefone: (021) 99354-9501. E-mail: dodebei@gmail.com.

** Ingenieur-maître en Métiers de l' Information et Communication. Université de Metz, França Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Ibict-UFRJ. Endereço: IBICT/UFRJ, rua Lauro Müller, 455, Botafogo, CEP 22290-160 Rio de Janeiro, RJ. Telefone: E-mail: andrea@hibrida.art.br.

¹ No site oficial de Hawking, encontramos informações sobre sua vida e obra, a descrição técnica dos computadores utilizados, além de imagens e vídeos. Disponível em: <<http://www.hawking.org.uk/the-computer.html>>.

(dependendo da observação no tempo) equipamento eletrônico o ajuda na divulgação de seus estudos sobre física teórica e cosmologia, pesquisas que o tornam famoso e colecionador de inúmeros prêmios científicos internacionais. Esse “novo” meio técnico, que permitiu a Hawking manter o registro de sua memória e a capacidade de verbalizar seu pensamento sobre o tempo – tema a que se dedica desde sua tese de doutoramento na Inglaterra na década de 1960 –, decodifica o sinal obtido por meio dos toques em uma espécie de mouse que seus dedos ainda conseguem executar em linguagens escrita e oral, garantindo-lhe interagir não apenas com a comunidade científica, mas, sobretudo, com o grande público.

O exemplo de Hawking nos ajuda a pensar, em um viés sócio-histórico, as relações que ocorrem entre as condições de funcionamento da memória humana, coletiva ou individual, e o ciberespaço visto como uma complexa memória técnica, viabilizada pelo casamento de duas redes: uma de infraestrutura computacional em âmbito internacional, a internet; outra de endereços (www), a web, que permite criar, publicar e localizar documentos em linguagem HTML ou hipertexto.

Visando estabelecer uma ponte entre as condições da memória humana ou da memória do corpo e a memória eletrônica da web/internet, que preferimos nomear de memória do ciberespaço, nossa proposta neste artigo é verificar na literatura quais objetos, e sob quais aportes teórico-práticos, as comunidades científicas vêm investigando essas relações. Nesse sentido, levantamos a questão: em que medida a memória humana influencia a constituição da memória técnica do ciberespaço e de que modo essa última modifica os sujeitos implicados no processo de comunicação e transmissão de conhecimentos, especificamente em relação aos modos de subjetivação nas sociedades atuais?

A contribuição à revista *LIINC*, no dossiê sobre Memória e Internet, abre uma oportunidade de reportar um recorte da produção científica francófona com a qual tivemos contato em função de nossas pesquisas recentes com a França, sob o tema da memória social e os novos patrimônios (TARDY; DOBEDEI, 2015). Organizado por Nicole Pigner e Michel Lavigne (2011), a revista *MEI – Médiation et Information* publicou um número intitulado *Mémoires et Internet*. Os artigos reunidos no dossiê apresentam as experiências acadêmicas de 14 autores franceses que buscavam compreender quais seriam as consequências para a memória humana do uso intensivo da internet como memória técnica auxiliar, preservadora e organizadora das informações nela criadas.

Não foi nossa intenção realizar uma resenha desses artigos, e sim socializar a discussão para os pesquisadores de língua portuguesa, principalmente alunos de ciência da informação, comunicação, museologia, memória social, entre tantos outros campos que estudam a memória na fronteira da informação. Com isso, pensamos compartilhar as reflexões apresentadas nesse número especial da revista *MEI* e proporcionar um diálogo com os trabalhos apresentados neste número especial da *LIINC*.

Vale lembrar que as pesquisas aqui reportadas datam dos anos 2010, e que, portanto, devem ser consideradas com a perspectiva de cinco anos atrás, o que em tecnologia, é toda uma geração. Na medida do possível, procuramos seguir, não a ordem de apresentação dos artigos, mas, a estrutura temática dada pelos organizadores na apresentação do dossiê.

MEMÓRIA HUMANA E MEMÓRIA DIGITAL

Nesta primeira parte, reunimos os discursos de dois pesquisadores interessados em verificar como os rastros de informações fluidas que circulam no ciberespaço podem se transformar em documentos estáveis, a partir do uso de dispositivos técnicos como as plataformas de *social bookmarking* (rede de compartilhamento de etiquetas) e os *mind maps* (mapas mentais), o que nos garante, de certo modo, a manutenção de uma memória técnica auxiliar à memória humana ou memória do corpo.

Olivier Le Deuff (2011) abre este primeiro bloco nos dizendo que é impossível pensar a relação entre memória e internet sem levantar a questão da técnica. As técnicas constituintes do pensamento e da memória humana – entre elas, a leitura e a escrita – podem ser etimologicamente chamadas de mnemotécnicas. Le Deuff estudou as mnemotécnicas da internet do ponto de vista dos estudos de Bernard Stiegler (2008), para quem o conceito de *hypomnemata*, do grego, “submemória”, também recuperado por Foucault (2001), é usado para qualificar suportes de memória (como listas, registros e contas), que servem de lembretes. Stiegler, entendendo as *hypomnemata* como instrumentos de liberação (de tempo, de espaço para memorizar outras coisas, etc.), alerta-nos para o risco de alienação, uma vez que essas podem ser controladas por terceiros, especialmente hoje, com os dispositivos *online* de “industrialização da memória”.

As redes de *social bookmarking* – nas quais a pessoa cria um perfil e marca/salva/etiqueta páginas na internet para consulta posterior –, como Diigo (com forte presença de educadores e pesquisadores) e, acrescentaríamos, o aplicativo Evernote,² são bons exemplos de *hypomnemata* individuais, que podem até apresentar uma dimensão coletiva. Apresentados em forma de lista, os itens documentados podem ser etiquetados manual ou automaticamente (salvando/assinando conteúdos de tais sites ou com tais *hashtags*). Essa memorização dos rastros de informações até então fluidas e instáveis é tanto uma memória de navegação quanto uma descrição do próprio usuário. Suas listas de sites, nuvens de tags e redes de contatos ajudam a construção de uma identidade digital de si.

Por outro lado, os grupos temáticos, que permitem o compartilhamento de recursos e tags de vários usuários, constituem também um modo de “escrita de nós”, no sentido foucaultiano. Ainda pouco usadas, segundo Le Deuff, as funcionalidades coletivas precisam se desenvolver a fim de fazer com que essa cultura da participação em torno das *hypomnemata* possa passar da simples seleção de memórias para a transmissão de conhecimentos.

Thierry Gobert (2011), por sua vez, imagina o ciberespaço como uma espécie de órtese³ cognitiva, ao atribuir novos usos à memória. A distribuição maciça de computadores, organizadores e *smartphones* favorece a delegação de tarefas pessoais do cotidiano à tecnologia – como, em especial, a memorização. Tais

² O link para o Evernote é da coleção digital criada por Marcela Werneck (2015), decorrente de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Unirio. Disponível em: <<https://www.evernote.com/pub/ciberpatrim/timelinecompleta>>. Acesso em: 5 nov. 2011. O aplicativo Evernote deve estar instalado.

³ Órtese (português brasileiro) ou ortótese (português europeu), conforme definição da International Standard Organization (ISO), é um apoio ou dispositivo externo aplicado ao corpo para modificar os aspectos funcionais ou estruturais do sistema neuromusculoesquelético, no sentido de obter alguma vantagem mecânica ou ortopédica. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Órtese>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

dispositivos –cujo acesso é imediato, são portáteis e têm interfaces amigáveis – tornaram-se órteses cognitivas individuais e sociais. Dois mundos se margeiam e interagem na sinapse da interface: um sem-número de camadas de memórias informatizadas e as memórias dos usuários. Interessado nas estratégias de aproximação entre esses dois mundos, e preocupado com as distâncias homem-máquina, Gobert ressalta principalmente quatro pontos de observação:

- a) da dialética – mas não do diálogo – entre a memória implícita, automática, regrada da internet por ela mesma (salvuardas automáticas), com a memória explícita, intencional e construída das pessoas na internet (porções de memória intencionalmente inscritas pelos usuários);
- b) da distância que existe hoje entre as funcionalidades de mediação social (que todos conhecem e usam) e o funcionamento dos dispositivos (sua arquitetura, os códigos por trás das interfaces, que a maioria ignora) e, em especial, as implicações de alguns usos, como a quantidade de cookies e informações pessoais que sites de venda, por exemplo, armazenam em bases de datamining;
- c) a questão da obsolescência: ainda que um computador não esqueça, ele deixa de ler formatos ultrapassados. Uma mesma pesquisa na internet, que é viva e em perpétua mutação, não apresenta sempre os mesmos resultados.⁴ Assim, a distinção clássica entre memória analógica, com foco no conteúdo, versus memória técnica, em que a estocagem privilegia a exatidão, se perde; e,
- d) os novos assistentes de gestão cognitiva, como mindmap, mindmanager e freemind, facilitam a construção de cartografias do “pensamento”, usando a internet e recursos locais. Ideias, comentários e observações são organizados em organogramas com múltiplos galhos e subgalhos.

Usando como referência estudos diversos em linguagem (CHOMSKY, 1968), comportamento (CHAUVIN, 1975), computação (VON NEUMAN, 1992) e neurociência (CHANGEUX, 1983), Gobert conclui que a internet é um lugar de estoque de informações, que supre nossa memória deficiente. E que as árvores heurísticas marcam uma nova etapa na evolução dos usos de órteses.

O CIBERESPAÇO E A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA

Cinco experimentos, apresentados neste segundo bloco, ilustram as discussões sobre a metáfora do ciberespaço como memória coletiva. Essa memória pode surgir especializada em uma construção coletiva; mediada por elementos como a lógica televisiva ou por um modelo de práticas memoriais, adaptados a práticas culturais digitais individualizadas; ou, ainda, em uma conjunção intermediária na esfera do coletivo.

No primeiro, Eléni Mitropoulou (2011) considera que a prática midiática pode ser vista como a topografia de uma memória coletiva, entendendo por topografia, literalmente, a descrição de um lugar. Considerando que, segundo Maurice Halbwachs (1976), não existe memória coletiva sem um enquadramento espacial, a autora sugere que o ciberespaço pode ser considerado um topo e, assim, ser descrito

⁴ Sugere-se, para melhor compreensão sobre a positividade da observação, consultar Jung (1956).

por meio da promessa de ligação social (fabricação de uma memória coletiva), oferecida, por exemplo, pelas “listas de discussão”.

Utilizando uma abordagem semiótica, Mitropoulou analisa a lista de discussão considerando seu *status* de cena significativa e de significação de uma cena da comunicação. Como cena, a lista participa da espacialização de uma memória construída por uma comunicação coletiva. O exemplo usado é uma lista criada por ocasião das discussões sobre a lei das responsabilidades das universidades. Com 250 inscritos durante 6 meses e fluxo médio de 40 mensagens por dia, o que explicaria essa mobilização política não ter resultado em transformação real? Será que a fabricação de uma memória reduziu esse espaço a uma catarse reivindicativa, em vez de espaço de ação? A autora sugere que a resposta possa estar na mediação, já que a comunicação interpessoal mediada pertence menos ao campo da interação do que ao da ostentação pela confecção de um artefato: a elaboração de uma memória-artefato, uma memória colaborativa.

No segundo exemplo, Benoit Lafon (2011) analisa a proposta do Instituto Nacional do Audiovisual francês (INA), instituição pública de guarda, manutenção e valorização de arquivos audiovisuais. Com o objetivo de desenvolver uma oferta comercial de arquivos nos suportes digitais, o *site* do INA⁵ começa, em 1995, a oferecer ao grande público a visualização de seus arquivos, em baixa definição.

Quando o INA lança em 2006 o *site* “arquivos para todos”, o vocabulário usado para anunciá-lo remete muito mais ao da televisão do que ao do registro na internet. Usando conceitos de Macé (2001) sobre a “experiência espectadora” e de “enquadramento” de Goffman (1991), o autor entende que o uso do *site* é baseado na memória televisiva dos espectadores-internautas. Lafond sugere, então, que a tendência de editoração do conteúdo (com o arquivo do dia e seleções da redação) seguiu uma lógica de programação, como uma mídia de massa, a exemplo da televisão. Assim, o conteúdo proposto pelo *site* constitui uma forma nova de espaço digital: nem *site*, nem rede social, mas uma televisão-memória *online*.

Sophie Barreau-Brouste (2011), nosso terceiro exemplo da aproximação do ciberespaço ao conceito halbwachiano de memória coletiva, analisa os *webdocumentários* emergentes na França como participantes do fenômeno da pluralização dos modos individuais de transmissão da memória, por meio de dispositivos de escrita e de mediação. Eles são interativos, participativos e descontínuos, adaptados, portanto, à personalização das práticas culturais digitais (MERZEAU, 2008).

Suas pesquisas levaram-na a concluir que: a) se o documentário inaugurou o nascimento do cinema e desabrochou na televisão, é hoje na internet que o gênero se renova; b) na internet, cada um tem a possibilidade de ocupar um espaço, ser a testemunha de seu tempo, diariamente; e c) com filmes curtos, diversos e muito pessoais, as plataformas documentárias propõem uma memória “sob medida”, a ser composta por “si mesmo”, a partir dos testemunhos individuais multiplicados e enunciados no tempo presente. Assim, e, justamente por essas características, a autora, citando o modelo teórico de Halbwachs sobre a memória coletiva, entende que esses novos formatos não participam de uma construção compartilhada.

⁵ Disponível em: <[http:// ina.fr/](http://ina.fr/)>. Acesso em: 5 nov. 2011.

Ao contrário da defesa da memória individual de Barreau-Brouste, Djemaa Maazouzi (2011), ao analisar o objeto *webfílmico*, (considerando todas as suas espécies, inclusive o *webdocumentário*), afirma que as plataformas de compartilhamento e trocas de *webfilmes* (como YouTube ou Dailymotion) se revestem de propriedades que as distinguem de outros lugares de memória, como *sites* ou *blogs*. Primeiro, ao alimentar esses últimos com seus filmes; segundo, ao incitá-los a produzir e sugerir *links* em suas páginas. Essas plataformas, ao incorporar, em um único objeto – o *webfilme* – todos os meios de expressão midiáticas (como escrita, voz, som, imagem) e gêneros (ficção, arquivo, documento, música), independentemente de qualidade ou formato, criam uma conjunção intermidiática.

As plataformas de compartilhamento não são somente uma cena ou uma tela onde se (re)passam as lembranças, elas são também o meio pelo qual acontece essa fabricação da memória. Demonstrando que o ciberespaço não é desligado de outras mídias, movimentos políticos ou ideológicos que motivam a sociedade, o artigo examina, com o exemplo dos *pied-noirs* (franceses enviados para a Argélia durante a colonização), a forma como uma memória grupal da guerra se constrói ao atualizar continuamente a realidade do sofrimento vivido pelo trauma e pelo exílio.

Maazouzi, com base nas ideias de “vetor de memória”, “taquicardia memorial” e “hipermnésia”, de Russo (1987), conclui com a tese de que a plataforma de compartilhamento, por sua eficiência e, para um grupo minoritário ignorado pela história oficial, possibilita a transformação de um “fazer memória” em um “fazer história”.

No último exemplo deste item – que discute o estatuto da memória coletiva no ciberespaço –, Émilie Flon (2011) enfoca o campo do turismo e destaca que essa é uma atividade frequentemente associada a uma preocupação com o testemunho e a lembrança. O site analisado – *participez.com* – pode ser considerado uma “revista participativa”, em que os internautas publicam suas histórias de viagem, assim como ocorre em outros dispositivos com propostas similares, como o *City Notebook*, da *Moleskine*, em papel, que diz: “o primeiro guia que você escreve”.

Segundo Flon, as instruções aos participantes sugerem assuntos, formato de artigos, estilo de escrita, quantidade de fotos e temporalidade das anotações. Nesse aspecto, diz Flon, o site (ou o caderno) formata um programa de práticas de memória, pois, ao interferir na forma de documentar a viagem, o modelo influencia, simultaneamente, a percepção e a memorização do mundo, por parte do viajante-redator. Desse modo, a abordagem comunicacional dos fenômenos memoriais permitiu compreender a existência de uma estreita ligação entre memória e produção simbólica, o que se opõe à ideia de a internet ser considerada como dessimbolizadora da nossa sociedade, tese presente nos estudos de Joël Candau (1998) e Leuleu-Merviel (2004).

ESPAÇO CIBERNÉTICO E ESPAÇO DO CORPO

As contribuições classificadas sob esse título vão discutir os espaços da memória e a questão das identidades, que necessitam de pontos de referência no outro para existirem. Seja como prática reflexiva, ação gestual, complementaridade entre a experiência corporal e experiência midiaticizada, seja como metáfora de si nas plataformas sociais, os espaços cibernético e corporal podem ser estreitados.

Para Etienne Armand Amato (2011), a atividade em rede eletrônica precisa ser considerada como uma prática reflexiva, ou seja, uma prática que conscientiza o sujeito sobre si mesmo, uma vez que ela implica controle, escolhas, necessidade de

formular seus desejos por escrito e decodificar os resultados. O internauta é um sujeito necessariamente crítico, pois as ações de identificação, triagem, seleção, recuperação e reutilização de informações no ciberespaço requerem uma memória informada e rica de experiências anteriores.

No ciberespaço, comenta Amato, a ausência de uma unidade espacotemporal (diríamos, corpórea), em que a navegação se assemelha mais a uma polinização, com saltos entre páginas descontínuas, inquieta os que sabem o quanto a contextualização (no sentido espacotemporal) reforça a memorização da informação. Hoje, diante da enxurrada de informações disponíveis, internautas têm marcado os objetos com referências ao mundo real (analógico), tais como o local ou data de onde uma foto foi tirada, por exemplo. Isso é o que pode ser denominado de “espacotemporalização dos dados na web”.

Segundo o autor, a influência dessa mudança na memória pode ser tripla: 1) a ligação entre a experiência humana e os dados dela provenientes se reforça, o que facilita a reativação memorial; 2) a memorização automática de um conjunto de dados ao longo do tempo favorece a construção de fluxos, e não só de pontualidades; e 3) os dados criados/disponibilizados em eventos coletivos formam uma “pegada digital”, que tenta influenciar o mundo real (do corpo), como os *crisis camps* no Haiti.⁶ Com a mobilidade oferecida pelos aparelhos celulares, a consulta e a criação instantânea de dados vão se retroalimentar, estreitando a distância entre o espaço ciber e o corporal.

Reforçando essa conclusão de Amato, Lavigne (2011) considera que, na interação corpo/ciberespaço, a ação gestual está no centro do acesso à informação, quando percebemos, por exemplo, os quatro modos de ação que executamos ao utilizarmos o mouse: 1) o posicionamento-localização (quando se passa o mouse no link e a seta muda) corresponde à atitude do caçador, de reconhecimento; 2) a pressão (clique) é a expressão de uma escolha; 3) o posicionamento-ação (quando se passa o mouse e alguma coisa muda no texto/objeto) é mais fluido, como um carinho; e 4) a pressão-posicionamento (*drag and drop*) é mais associada à montagem/construção.

Assim, ao contrário de outras práticas midiáticas (leitura, ida ao cinema), que demandam imobilidade e sincronização olhar-gesto, a navegação no ciberespaço questiona profundamente o conceito de memória. O percurso do desconhecido à familiaridade pode ser aproximado da atitude do internauta, assim como Henri Bergson (1939), em seu ensaio *Matéria e memória*, defende que a totalidade do corpo participa da construção memorial.

Usando exemplos de trabalhos em psicologia de Tisseron (2005) e Berthoz (1997), o autor reconhece que a interatividade recoloca o gesto no centro da nossa relação com o mundo. Com os conceitos de “aprendizagem sintônica” de Papert (1981) e de “área intermediária de experiência” de Winnicott (2002), Lavigne conclui que dispositivos interativos, como os jogos eletrônicos, estimulam o aprendizado e a criatividade lúdica. Vale ressaltar que os estudos do gesto na interação corpo-máquina vão sempre demandar atenção à obsolescência técnica. Seria interessante

⁶ Grupo de profissionais de tecnologia da informação, criado geralmente em redes sociais para ajudar a população durante crises, como aquelas provocadas por terremotos, furacões, enchentes. Os principais projetos desses grupos estão voltados para a criação de comunidades virtuais de ajuda a desaparecidos, de mapas de áreas afetadas ou de listas de itens necessários, como roupas e comida (tradução livre). Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Crisis_camp>. Acesso em: 20 dez. 2011.

continuar a pesquisa neuro-cognitivo-comportamental para o uso, hoje maciço, dos *trackpads* e do *touchscreen*, que envolvem um conjunto de gestos bem mais variado.

Odile Le Guern (2011), trazendo a discussão dos espaços memoriais para o campo dos museus, parte do pressuposto que a missão do museu é a aquisição de saber pelo público. Para demonstrar sua tese, a autora analisa como se dá essa aquisição em dois espaços: 1) durante uma visita presencial ao museu – espaço sensível, experimentado com o corpo e o sentidos; e em uma visita virtual – espaço cognitivo, constituído pela arquitetura de navegação do *site* do museu.

Tanto o prédio de origem de uma obra (como o Masaccio na igreja Santa Maria de Novella ou o afresco de Giotto em Assis), os prédios que tinham outra função (de residência real a Louvre ou a abadia que virou o Museu de Belas-Artes de Lyon), ou prédios contemporâneos feitos para serem museus (Museu Gallo-Romano de Lyon ou Vesunna, em Périgueux), o local de exposição explicita um projeto de visita, um objetivo. Sob aportes teóricos da linguística, Le Guern considera que a visita presencial (pelo percurso) pertenceria ao eixo sintagmático da linguagem expográfica. Já a visita virtual, pelo acesso direto que o usuário tem à obra, seria do eixo paradigmático. Do ponto de vista da semântica, na oposição entre tipo e ocorrência, a apresentação virtual (em fundo neutro, com vinhetas e legendas) transforma o objeto em tipo, ou seja, representante de uma classe, ao passo que na visita presencial o objeto é entendido como ocorrência, por suas características únicas.

Le Guern conclui que a descontextualização do objeto quando se passa da visita presencial para a visita virtual permite a criação de projetos de discurso diferentes daqueles pensados pelos idealizadores do espaço expositivo. Isso reforça a ideia de complementaridade entre a memorização somática, oferecida pela visita presencial, e as múltiplas possibilidades discursivas da visita cognitiva, virtual, alcançando ambas as visitas o objetivo principal do museu: a produção de saber pelo público.

Fanny Georges (2011) encerra este item ao propor uma resposta à questão do impacto dos dispositivos de comunicação mediados por computador sobre a representação de si, empregando as noções de “metáfora conceitual”, de Lakoff e Johnson (1985), e de “mediação tecnológica”, de Meunier e Peraya (2004).

A metáfora conceitual considera que a nossa percepção recorre a “modelos cognitivos idealizados”, construídos ao longo da experiência de vida, e que acabam por estruturá-la. Nas redes sociais, as metáforas de “perfil”, “amigos” e “interesses” pertencem ao campo da identidade e formam uma metáfora de si. A força do conceito é que quanto mais o sujeito usa metáforas, mais essas se interiorizam como imagens, por serem estruturantes de uma dada experiência. Assim, para a autora, a noção de mediação tecnológica envolve três dimensões: 1) a sensorio-motora (gesto de interagir com *mouse/trackpad*); 2) a semiológico-cognitiva (interpretação do dispositivo e de si em termos de espaço); e 3) a social (as relações interpessoais são vistas como um fluxo).

O domínio dessas interfaces reduz a largura da passagem entre real e virtual, favorecendo a imersão. O cruzamento dessas noções é a ideia de metáfora do perfil, apresentada pela autora, que supõe a representação digital de si interpretada como imagem de si e, que, por sua vez, estrutura a imagem de si em pensamento. Desse modo, o perfil estrutura também a memória da imagem de si.

RUPTURAS MEMORIAIS: LÓGICA DO FLUXO E LÓGICA DO ARQUIVO

Este último bloco contempla duas importantes contribuições sobre rupturas/adesões memoriais: a primeira, de Alexandre Coutant e Thomas Stenger (2011), discute os embates entre temporalidades da memória: do usuário/internauta e das plataformas de redes sociais, enfatizando o jogo do lembrar e esquecer. A segunda, de Yves Jeanneret (2011), aborda a propriedade que as mídias possuem de adaptação aos espaços das práticas, da comunicação, da inscrição, da projeção imaginária.

Depois de uma extensa pesquisa realizada, ao longo de dois anos, com perfis e entrevistas com usuários de redes sociais digitais, especialmente com adolescentes e jovens entre 14 e 27 anos, Alexandre Coutant e Thomas Stenger (2011) discutem a oposição entre a frivolidade das interações comunicacionais e a lógica de armazenamento que os sites usam nas redes sociais. Essas atividades, guiadas pela amizade, são encontros, bate-papos, flertes, típicos de adolescentes.

A questão que se coloca sobre a lógica do fluxo (comunicação) e a lógica do arquivo (memória) é o descompasso que possa haver entre a imposição de tudo lembrar e o direito de esquecer. Citando a distinção que faz Hoog (2009) entre memorizável e memorável, e a ideia da “plasticidade da memória” de Halbwachs (1994), os autores alertam sobre a perenidade dos perfis construídos por adolescentes internautas, que raramente são alterados, e suas implicações sociais.

Em contraponto à estratégia, por exemplo, da rede social Facebook de ser a “sombra digital” que define o indivíduo, Coutant e Stenger (2011) lembram que as pessoas têm outra face da sua identidade, que é *offline*, e concluem com o pensamento de Nietzsche (2000), para quem “é impossível viver sem esquecer”, e a atualização dessa citação no exemplo do movimento em voga pelo “direito ao esquecimento digital”, na França.

Yves Jeanneret (2011) encerra não apenas o quarto subtema da sequência de relatos de pesquisadores franceses sobre o diálogo entre memória e ciberespaço, como também sugere, a partir das abordagens comunicacionais de Davallon (2006), haver uma ressonância da memória do corpo nos objetos valorizados tanto como fluxos quanto como arquivos. Jeanneret discute a relação que pode haver entre o desenvolvimento de inovações nas formas midiáticas e a gênese social de elementos de memória compartilhada.

Apoiado na experiência de Jack Goody (1972), que foi convocado a “coletar mitos” em sociedades sem escrita e percebeu que, ao transcrever o Bagré (rito de iniciação de Gana), ele tinha inventado uma realidade estranha à sociedade que ele tentava retratar, Jeanneret transpõe essa experiência antropológica para o universo das mídias informatizadas. Ele sugere, no atual estado de desenvolvimento das redes eletrônicas, que a noção de rastro, evocada na relação entre a memória e as tecnologias, continua particularmente ativa.

Desse modo, afirma o autor, a imagem do rastro sugere a redução de fatos simbólicos a uma operação física, e o contato físico sugere um indício. Uma pesquisa desenvolvida por Davallon (2003) sobre sites colaborativos de turismo nos faz entender que, para uma experiência chegar ao site, ela tem que passar por uma inscrição. A transformação gradual de indício em inscrição e da inscrição em rastro – ou seja, do mundo de origem do objeto ao mundo da expressão, de consequência natural à memória social – é o que possibilita que uns tenham uma leitura do que os outros fazem.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO DO DIÁLOGO ENTRE MEMÓRIA E CIBERESPAÇO

Em primeiro lugar, é necessário salientar que esse percurso discursivo, escolhido por nós para traçar um panorama sobre as pesquisas de um grupo francês interessado no tema não libera o leitor da consulta aos artigos do número 32 da revista *MEI – Mémoire et Internet*. A razão é simples: o formato “reportagem” da escrita deste artigo buscou mostrar menos as descrições ou sínteses dos relatos aqui reunidos, e sim mais pistas ou vestígios de abordagens teórico-práticas, e também metodológicas, acerca do que nossos colegas franceses estão pesquisando sobre o estatuto da memória, no espaço midiático da “super-rede” chamada de *web*, *internet*, rede eletrônica, ciberespaço, entre outras denominações.

Em segundo lugar, diante das implicações espaciotemporais da escrita do dossiê, já mencionadas anteriormente, em especial no que toca à questão da defasagem tecnológica, compreendemos essa empreitada como uma espécie de memória das transformações sociais que o tema vem nos impondo. Sendo assim, e para responder à questão colocada na introdução deste relato sobre a constituição de uma memória técnica do ciberespaço e os modos de subjetivação nas sociedades atuais, recorreremos às pesquisas aqui reportadas e ao contexto de nossas pesquisas sobre a cultura digital.

Os estudos sobre a memória não nascem de um espaço vazio de experiências. Na década de 1990, início da difusão dos computadores pessoais, uma das tarefas cotidianas dos usuários desses dispositivos era organizar as informações em arquivos ou pastas para liberar as caixas de entrada, principalmente aquelas relativas às trocas de correio eletrônico, além de outros objetos, como álbuns de fotografias, arquivos de textos e, em quantidade ainda incipiente, imagens em movimento e músicas.

Essa “Era da descoberta” – usando como base as fases definidas por Baudrillard (1989) sobre a relação do sujeito com os objetos – pode ser considerada um “namoro” ou fase do desejo com as novas tecnologias da informação e comunicação. Nela, os sujeitos se preocupam mais em entender os mecanismos de convivência do analógico com o digital e começam a desenvolver estudos que possam comparar as vantagens e desvantagens de inscrever no mundo digital toda uma cultura pautada pela tecnologia da escrita. Surgem, assim, os empreendimentos milionários de digitalização de acervos, sob o mote da salvaguarda patrimonial da memória da humanidade.

O avanço da técnica de armazenamento de informações, o aumento da velocidade e da mobilidade de transmissão/recepção de dados, e a conseqüente convergência de mídias, inaugura a “Era do domínio”. Nela, os computadores passam a integrar a memória do corpo como um *chip/órtese* – dispositivo digital de memória auxiliar – de caráter pessoal, da mesma forma que as coleções analógicas de objetos visuais e sonoros, pertencentes à categoria dos “arquivos”, auxiliam no acesso e na manutenção de informações produzidas pela sociedade, as quais, pelo volume de conteúdos, não podem ser armazenadas na memória do corpo com a mesma abrangência ou a mesma especificidade.

Com o domínio das interfaces e das linguagens, e o desenvolvimento de práticas próprias às mídias digitais, surge também um olhar mais crítico, como, por exemplo, a conclusão de Mitropoulou (2011) sobre a ineficiência da mobilização por meio das

listas de discussão para uma ação social efetiva no mundo analógico;⁷ ou o caso dos excessos tanto de armazenamento automático, assinalados por Coutant e Stenger (2011), quanto de armazenamento voluntário, como os incontáveis terabites em arquivos de fotos ou música nos HDs guardados em gavetas de muitos de nossos contemporâneos.

Quando hoje falamos na terceira fase, a “Era da diminuição”, a questão-chave é levar o cidadão a repensar seus valores e práticas, reduzindo o consumo exagerado e o desperdício. O projeto "Rastros memoriais na web: questões teóricas sobre o ciclo de vida dos objetos digitais", recém-apoiado pelo CNPq, levanta a produção intelectual de dois campos de conhecimento para relacioná-los com a memória social: o primeiro, a arqueologia, como ciência que se ocupa com a cultura material na relação entre pessoas e coisas e, no dizer de Michael Shanks (1998), representa o trabalho de interpretar, em cenário multidisciplinar, o ciclo de vida de um artefato; o segundo campo se refere aos estudos do meio ambiente em sua luta para compreender quais mecanismos podem reduzir a poluição causada por detritos produzidos pelas sociedades. A política dos cinco s⁸ sinaliza que se deve priorizar a redução do consumo e o reaproveitamento dos materiais em relação à sua própria reciclagem: reduzir, repensar, reaproveitar, reciclar, recusar consumir produtos que gerem impactos socioambientais significativos pode ser um caminho para reavaliar o excessivo desejo de acumular, incluindo o lixo digital.

A compreensão que nossa pesquisa busca realizar diz respeito aos detritos, de cunho eletrônico, que aqui chamamos de restos ou lixo digital, espalhados no ciberespaço, bem como os rastros ou lembranças auráticas de vestígios de memória que podem ser, de certo modo, reciclados. A plataforma Busca.br,⁹ projeto em parceria do Internet Archive com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), desenvolvido como campo empírico do projeto de tese de Camila Dantas (2014), mostra, em uma coleção construída sobre as páginas geradas de motores de busca brasileiro de 1997-2013 (Cadê, entre outros), que restou muito pouco da memória desses artefatos nascidos digitais. Links quebrados, páginas esquecidas, demonstram que não há garantias de eterna memória no ciberespaço.

Jennifer Gabrys (2011), em sua obra *Digital rubbish*, diz que os registros paleontológicos da morte de componentes eletrônicos é surpreendente e diverso. Do software obsoleto à poluição química, descobrimos que as tecnologias digitais, aparentemente de caráter imaterial, possuem também vestígios materiais e memoriais. O que dizer então dos registros armazenados nos arquivos digitais? E sobre as nossas bases de dados científicas, nossa linha do tempo em redes sociais, nossos dados pessoais registrados em plataformas às quais não temos acesso, entre outros fatores, por esquecimento ou por total desconhecimento de que elas existem?

Nesse sentido, e tentando verticalizar nosso foco de observação, elegemos como objetivos específicos dessa empreitada o mapeamento ou captura do conhecimento

⁷ Apesar de termos presenciado, ultimamente, transformações políticas reais resultantes da mobilização online, como atestam os exemplos do movimento de defesa patrimonial do antigo Museu do Índio, conhecido como “Aldeia Maracanã” (Disponível em: <<https://www.facebook.com/aldeia.maracana.3>>. Acesso em: 5/1/2015) e do movimento “Passe livre” (Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/>>. Acesso em: 5/1/2015).

⁸ Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/item/9410-a-pol%C3%ADtica-dos-5-r-s>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

⁹ Disponível em: <<https://www.archive-it.org/collections/4266>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

desses campos que, embora não estejam supostamente configurados nas interfaces informacionais e memoriais que nos interessam, podem nos fornecer pistas para compreender a possibilidade de convivermos, no futuro, com a angústia da perda, do esquecimento ou, como dizem Diana Taylor (2003) e Aleida Assmann (2011), da chance de encontrarmos traços, vestígios, a exemplo daqueles que os arqueólogos acham, com o desejo de que esses “elos materiais” nos ajudem a compreender a história dos artefatos digitais e, conseqüentemente, a história dos habitantes de nosso planeta.

Sobre o ciberespaço como metáfora da memória coletiva, a hipótese nos serve, nesse momento, para pensar apenas sobre seu caráter seletivo no tempo, quer seja ela corporal ou eletrônica. Entretanto, em relação às tecnologias em rede, não há como negar suas vantagens para a vida social, enquanto perdurarem as reservas naturais que as sustentam...

Artigo recebido em 09/02/2015 e aprovado em 12/03/2015.

REFERÊNCIAS

AMATO, Étienne Armand. Du butinage réflexif à la spatio-temporalisation des informations sur la web. *MEI - Médiation & Information: revue internationale de communication*. Paris: Harmattan, n. 32, p. 63-73, 2011. Dossier Mémoires & Internet.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

BARREAU-BROUSTE, Sophie. Les web-documentaires: nouvelles écritures multimédias au service de la mémoire collective? *MEI – Médiation & Information: revue internationale de Communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 173-180, 2011. Dossier Mémoires & Internet.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BERGSON, H. *Matière et mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit*, 1939. Édition électronique de l'Université de Québec à Chicoutimi. (Les Classiques des Sciences Sociales). p. 64.

BERTHOZ, A. *Le sein du mouvement*. Paris: Odile Jacob, 1997.

CANDAU, Joël. *Mémoire et identité*. Paris: PUF, 1988.

CHANGEUX, J.-P. *L'homme neuronal*. Paris: Fayard, 1983.

CHAUVIN, R. *L'éthologie, étude biologiques du comportement animal*. Paris: PUF, 1975.

CHOMSKY, N. *Le langage et la pensée*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1968.

COUTANT, Alexandre; STENGER, Thomas. Pratiques et temporalités des réseaux socionumérique: logique de flux et logique d'archive. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 125-135, 2011. Dossier Mémoires & Internet.

DANTAS, Camila Guimarães. *Criptografias da memória: estudo das práticas de arquivamento da web no Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

- DAVALLON, J. *Le don du patrimoine: une approche communicationnelle de la patrimonialisation*. Paris: Hermès-Lavoisier, 2006.
- DAVALLON, J.; CADET, N.; BROCHU, D. L'usage dans le texte: les "traces d'usage" du site Gallica. In: SOUCHER, E.; JEANNERET, Y; LE MAREC, J. (Org.). *Lire, écrire, récrire: objets, signes et pratiques des médias informatisés*. Paris: Éditions de la Bibliothèque Publique d'Information, 2003.
- FLON, Emilie. La logique de médiation de pratiques de mémoire dans des sites agrégatifs du tourisme. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 137-146, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits, v. 2*. Paris: Gallimard, 2001.
- GABRYS, Jennifer. *Digital rubbish: a natural history of electronics*. Michigan: University of Michigan, 2014.
- GOBERT, Thierry. L'Internet comme orthèse cognitive: nouveaux usages de la mémoire. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 53-61, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- GOFFMAN, E. *Les cadres de l'expérience*. Paris: Éditions du Minuit, 1991.
- GOODY, J. *The myth of the Bagre*. Oxford: Clarendon Press, 1972.
- HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michele, 1994.
- _____. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Archontes, Mouton & Co. 1976.
- HOOG, E. *Mémoire, année zero*. Paris: Seuil, 1991.
- JEANNERET, Yves. Les harmoniques du web: espaces d'inscription et mémoire des pratiques. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 31-123, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- JUNG, C. G. Prefácio. In: I CHING: o livro das mutações. São Paulo: Pensamento, 1956.
- LAFON, Benoit. Quand l'Ina propose ses 'archives pour tous': d'une mémoire télévisuelle à la naissance d'une télévision-mémoire en ligne. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 99-112, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris: Les Éditions du Minuit, 1985.
- LAVIGNE, Michel. Internet, la mémoire et le corps. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 75-85, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- LE DEUFF, Olivier. Quelles mnémotechniques pour l'internet? *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 41-51, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- LE GUERN, Odile. De l'espace du parcours à l'espace du savoir. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 113-123, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- LEULEU-MERVIEL, S. Effets de la numérisation et de la mise en réseau sur le concept de document. *Information-Interaction-Intelligence*, Toulouse: Cepaduès, v. 4, n. 1, p.121-140, 2004. Numéro especial editado por Jean-Michel Salaün e Jean Charlet.

- MAAZOUZI, Djemaa. L'étrange objet webfilmique et la compétition mémorielle sur le Web 2.0: exemple d'une fabrication de la mémoire des pieds-noirs. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 159-171, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- MACÉ, E. Qu'est-ce qu'une sociologie de la télévision? *Reseaux*, n. 105 p. 199-242, 2001
- MERZEAU, L. Présence numérique: du symbolique à la trace. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 29, p.153-163, 2008. Dossier Communication, Organisation, Symboles.
- MEUNIER, J-P.; PERAYA, D. *Introduction aux théories de la communication: analyse sémio-pragmatique de la communication médiatic*. Bruxelles: De Boeck, 2004.
- MITROPOULOU, Eléni. De la pratique médiatique comme topographie d'une mémoire collective. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, p. 87-97, 2011. Dossier Mémoires & Internet.
- NIETZSCHE, F. *Généalogie de la morale*. Paris: LGF, 2000.
- PAPERT, S. *Jaillissement de l'esprit*. Paris: Flammarion, 1981.
- PIGNIER, Nicole; LAVIGNE, Michel (Org.). Dossier Mémoires & Internet. *MEI – Médiation & Information: revue internationale de communication*, Paris: Harmattan, n. 32, 2011. Disponível em: <http://www.editions-harmattan.fr/index.asp?navig=catalogue&obj=numero&no=33252&no_revue=80>. Acesso em: 20 dez. 2011.
- DRUSSO, H. *Le syndrome de Vichy de 1944 à nos jours*. Paris: Seuil, 1987.
- SHANKS, Michael. The life of an artifact in an interpretative archeology. *Fennoscandia Archeologica*, 1998. Disponível em PDF na web.
- STIEGLER, Bernard. *Prendre soin*. Paris: Flammarion, 2008.
- TARDY, Cécile ; DOBEDEI, Vera (Org.). *Mémoire et nouveaux patrimoines = Memória e novos patrimônios*. Marseille: OpenEdition, 2015.
- TAYLOR, Diana. *The archive and repertoire: performing cultural memory in the Americas*. Duke, NC: Duke University Press, 2003.
- TISSERON, S. *Psicanálise de l'image, des premiers traits au virtuel*. Paris: Dunod, 2005.
- VON NEUMAN, J. *L'ordinateur et le cerveau*. Paris: Flammarion, 1992.
- WERNECK, Marcela. *Patrimônio digital e ciberativismo: a defesa da Aldeia Maracanã no Facebook*. 2005. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- WINNICOT, D. W. *Jeu et réalité*. Paris: Galimard, 2002.